

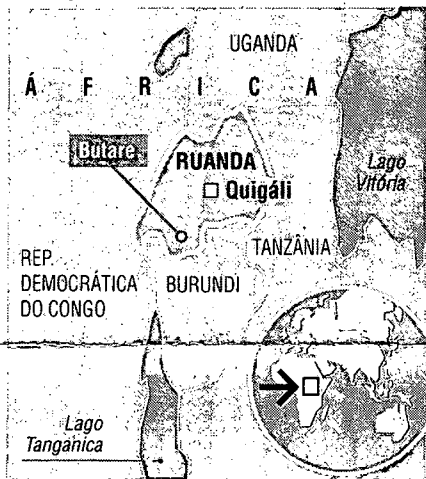
A lista negra de Atanásio

Arte JB

ROMA – Os crimes atribuídos a dom Atanásio Sumba Bura e identificados pela associação African Rights estão documentados num dossiê de 30 páginas com provas e testemunhos considerados irrefutáveis pelo Tribunal Penal Internacional da ONU para Ruanda, que fica em Arúsha, na Tanzânia. Quem os leu e examinou, como a procuradora Carla del Ponte, definiu-os como “páginas de horror absoluto”. Nelas, o padre católico ruandense aparece tanto no papel de organizador como no de testemunha de alguns dos massacres executados, entre abril e julho de 1994, pelos hutus radicais contra tutsis e hutus moderados, quando ao todo cerca de 500 a 800 mil pessoas foram assassinadas.

Como exemplo do comportamento de dom Atanásio, cita-se a chacina de duas mil pessoas, muitas delas mulheres, crianças e anciãos, todos com fome e sede, convidados a protegerem-se da perseguição das milícias dos mais violentos hutus (os temíveis interahamwe) dentro de uma pequena igreja. Sem imaginar que

Um país e suas etnias



População: 7,2 milhões

Hutus: 90%

Tutsis: 9%

Outras etnias: 1%

- Entre 500 e 800 mil membros da etnia tutsi e dos chamados moderados hutus morreram no massacre de 1994, que criou também cerca de 1 milhão de refugiados

- 45 acusados já foram condenados pelo Tribunal Penal Internacional para Ruanda, da ONU, que funciona na Tanzânia

- 4.500 estão sendo julgados pela Justiça de Ruanda

- Mais de 100 mil aguardam julgamento em prisões do país

estavam vivendo seus últimos minutos de vida, as duas mil pessoas amontoaram-se no pequeno templo.

Muitos ainda estavam procurando um pedaço de chão para ocupar quando um enorme trator deu início à destruição total e final das paredes, móveis, altares e de quase toda a gente que tentava salvar-se da matança. Um espetáculo a que dom Atanásio – segundo três sobreviventes e tes-

temunhas da tragédia – assistia a poucos metros da igreja desfeita e reduzida a pó pela máquina gigantesca.

Terror – Descrevendo aqueles momentos, as três testemunhas contaram: “Uma grande parte de Ruanda era dominada pelo terror. Os ataques começaram em Kiyumu no dia 8 de abril de 1994. A gente fugia como podia. Mas as estradas principais e as encruzilhadas eram ocupadas pelas mili-

cias dos hutus radicais. O único modo de salvar-se era procurar refúgio nas igrejas mais próximas. Não foi por acaso que muitos de nós procuramos as paróquias de Nyange.”

O que essa gente ignorava, contou em seu depoimento o policial Adrien Niyitegeka, era que tinha sido traçada uma estratégia maquiavélica para as paróquias católicas. Durante uma reunião em que se discutiu um plano de segurança para a aldeia de Nyange, em 13 de abril, na igreja do padre Atanásio, e com a total aprovação dele, decidiu-se colocar a estratégia em prática. Padre Atanásio se comprometeu a sair pelas ruas, convidando-os a abandonarem os esconderijos para se refugiarem na sua igreja: “Venham, venham para fora. Não tenham medo. Vamos até a paróquia, ali vocês estarão seguros.” No inferno daquelas horas – concluiu o policial Adrien –, quem podia ou tinha coragem de duvidar daquela promessa feita por um padre católico? (A.N.)